

## As diferenças entre as edições do terceiro curso de Ferdinand de Saussure

Micaela Pafume Coelho <sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma análise das diferenças existentes entre as anotações de Francis Joseph, que deram origem ao livro “Curso de Linguística Geral”, em comparação com as anotações de Emile Constantin, editadas e publicadas no livro “Terceiro Curso de Linguística Geral – dos Cadernos de Emile Constantin”. A análise se justifica pela existência de vários pontos de vista de autores do ramo da linguística a respeito da legitimidade do conteúdo do Curso de Linguística Geral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terceiro curso de Linguística Geral; Ferdinand de Saussure; Parapraxias.

**ABSTRACT:** This paper presents an analysis of the differences that exist between the notes from F. Joseph, which gave rise to the work “Cours de Linguistique Générale”, in comparison to the notes of Emile Constantin, edited and published in the work “Third Course in General Linguistics – from the notebooks of Emile Constantin”. The analysis is justified by the existence of many questions made by authors of linguistics that concern to the legitimacy of content of the “Course in General Linguistics”.

**KEYWORDS:** Third course of lectures; Ferdinand de Saussure; Parapraxes.

### 1. Introdução

O livro “Curso de Linguística Geral<sup>2</sup>”, de autoria concedida ao linguista genebrino Ferdinand de Saussure, apesar de ser o trabalho introdutório das teorias que delinearão a fundação da Linguística moderna, e por isso ser o ponto inicial de abordagem dos conceitos relevantes no campo da Linguística, é muitas vezes tomado como alvo de reflexão por diversos autores da área, dentre os quais ressaltamos Silveira (2009), Normand (2009) e Sofia (2010). O fato de se tratar de uma obra póstuma, elaborada por Bally e Sechehaye a partir de anotações referentes ao que foi apresentado durante os três cursos de Linguística Geral ministrados entre 1907 e 1911<sup>3</sup> na Universidade Pública de Genebra, motiva esses autores a refletirem sobre as teorias nele apresentadas, questionando se elas são realmente compatíveis com as idéias que foram expostas por Saussure durante seus três cursos.

As fontes disponíveis para a elaboração do CLG correspondiam às anotações tomadas

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia: micaelapafume@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doravante CLG.

<sup>3</sup> Os três cursos ocorreram especificamente nas seguintes datas: de 16 de janeiro a três de julho de 1907; da primeira semana de novembro de 1908 ao dia 24 de junho de 1909; de 24 de outubro de 1910 a quatro de julho de 1911. Cada curso contou respectivamente com seis, onze e doze ouvintes.

por alguns ouvintes que estiveram presentes em cada curso, e também a algumas anotações do próprio Saussure, embora, após a morte do linguista em 1913, tenham sido encontrados poucos ou quase nenhum manuscritos que fossem relacionados ao que foi apresentado durante os cursos que ministrou. Então, como Bally e Sechehaye perceberam que os manuscritos do linguista não poderiam fornecer conteúdo suficiente para a elaboração de um livro, os editores decidiram elaborar o CLG utilizando esses poucos manuscritos, somados aos cadernos de alguns dos ouvintes dos cursos de Saussure, principalmente daqueles que estiveram presentes no terceiro curso<sup>4</sup>. No “Prefácio à primeira edição” do CLG, os editores afirmam que decidiram por “tentar uma reconstituição, uma síntese, com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais (...), inclusive as notas pessoais de F. de Saussure” (SAUSSURE, 2006, p. 3).

As anotações dos ouvintes foram produzidas a partir do que foi entendido do discurso do linguista durante seus cursos; ou seja, em sua maioria, essas anotações são fruto de um entendimento auditivo, pois pode-se deduzir que Saussure fazia poucas anotações durante suas explicações, o que não permitia que os alunos apreendessem o conteúdo de forma visual. Bally e Sechehaye afirmam, na página dois do “Prefácio dos Editores” do CLG, que “a forma de ensino oral (...) reservava as maiores dificuldades” e, para compor a obra, foi necessário comparar as versões dos conteúdos de cada caderno, para tentar alcançar o pensamento do qual se tinha apenas “ecos, por vezes discordantes”.

Essa afirmação dos editores de que foi necessário realizar uma comparação entre as anotações dos ouvintes para se tentar alcançar o todo da obra revela a incidência de desencontros entre as fontes utilizadas por Bally e Sechehaye. Ainda, como os editores não utilizaram os cadernos de todos os alunos que participaram do terceiro curso<sup>5</sup>, percebemos que o CLG também apresenta diferenças quando comparado aos cadernos de Emile Constantin, outro ouvinte do terceiro curso de Saussure. Gambarara (2005) afirma que não conhece o motivo de Bally e Sechehaye não terem utilizado os cadernos de Constantin na elaboração do CLG, visto que os editores conheciam perfeitamente o ouvinte; para ele, a não utilização dos cadernos de Constantin influenciou fortemente a Linguística Geral do Século XX.

---

<sup>4</sup> Para detalhes a respeito da elaboração do CLG conferir Coelho (2011).

<sup>5</sup> Bally e Sechehaye utilizaram apenas os cadernos de Mme. Albert Sechehaye, George Dégallier e Francis Joseph a respeito do terceiro curso.

Esses cadernos consistiam em anotações referentes ao conteúdo do terceiro curso de Saussure, e foram disponibilizados por Constantin à Biblioteca de Genebra<sup>6</sup> apenas em 1958, 42 anos após a primeira publicação do CLG. Por apresentarem uma nova ótica do que foi ministrado por Saussure em seu último curso, Eisuke Komatsu e Roy Harris notaram o quão importante eram esses cadernos para a Linguística moderna, e decidiram editar e publicar alguns deles<sup>7</sup>, originando a obra “Terceiro Curso de Linguística Geral – dos cadernos de Emile Constantin<sup>8</sup>”.

O TCLG, assim como o CLG, é uma obra de autoria concedida a Saussure, que também foi elaborada pela utilização de anotações referentes às teorias que Saussure abordou em um de seus cursos. A publicação dessa obra foi de reconhecida importância na Linguística, pois apresentou um segundo ponto de vista sobre as teorias saussurianas, diferente daquele apresentado por Bally e Sechehaye no CLG. Desse modo, quando comparados entre si, o CLG e o TCLG apresentam algumas discordâncias, tanto de natureza macroestrutural, que se referem à ordem de apresentação dos conteúdos, como também de natureza microestrutural, que se referem às diferenças sintáticas e lexicais.

As diferenças de natureza microtextual, como os tipos de frases utilizados e principalmente as diferenças terminológicas e lexicais, revelam a existência de uma particularidade em cada anotação utilizada para produzir as obras. Isto é, por serem duas edições que abordam os mesmos conteúdos, podemos considerar que a ocorrência de diferenças terminológicas e lexicais entre elas sejam provenientes de diferenças entre as anotações feitas pelos ouvintes, fato que nos permite refletir sobre a particularidade da escuta em cada indivíduo.

## **2. A escuta: onde os lapsos se consolidam**

Uma possibilidade de entender essa particularidade da escuta é a existência de uma dicotomia que envolve o processo da compreensão auditiva: para que este se consolide, é necessário que haja a **audição**, que é a interação dos mecanismos fisiológicos a partir do funcionamento dos aparatos orgânicos, juntamente com a **escuta**, que consiste no

---

<sup>6</sup> Doravante BGE.

<sup>7</sup> No prefácio da obra, os editores afirmam que utilizaram cadernos I, II e III, referentes à primeira parte do terceiro curso, e os cadernos de VII a X, referentes à segunda parte do curso, a qual foi considerada por Harris e Komatsu como a contribuição teórica mais importante de Saussure. Os cadernos numerados de IV a VI não são citados pelos editores e, portanto, não sabemos a que conteúdo se referem, e tampouco se foram ou não disponibilizados à BGE.

<sup>8</sup> Doravante TCLG.

processamento psíquico das informações sonoras captadas pelos órgãos auditivos. Esses aparatos orgânicos e psíquicos constituem os processos relacionados à receptividade e compreensão do discurso oral e, em conjunto, são aptos a receber os fonemas lingüísticos e reconhecê-los.

A audição, enquanto parte fisiológica da compreensão, é composta pelo ouvido e seus órgãos internos. O processo de captação dos sons, segundo Guyton (1976) se dá pelo mecanismo em que o “ouvido recebe ondas sonoras, diferencia suas freqüências e, finalmente, transmite a informação auditiva ao sistema nervoso central” (p. 731). A partir desse processo, no sistema nervoso central é definido se o que se está escutando consiste ou não em uma fala dotada de sentido e, com essa definição, formam-se ou não idéias a partir do que foi discernido, o que consiste no processo da escuta.

Considerando esses processos, podemos perceber que a compreensão sonora é passível tanto de falhas auditivas, causadas pelo mau funcionamento dos órgãos responsáveis pela captação e transmissão dos sons, como também de equívocos na escuta, originados por diversos fatores que interferem no funcionamento psíquico de cada um e intervêm na sua escuta, de acordo com o princípio geral dos estudos das parapraxias expostos em Freud (1901).

As parapraxias são definidas por Freud (1901) como falhas de recebimento ou de transmissão de uma mensagem ou de uma ação, bem como seu esquecimento; o autor as exemplifica com os lapsos de fala (*Versprechen*), de escrita (*Verlesen*) e de audição (*Verhören*), bem como o esquecimento (*Vergessen*) de palavras (FREUD, 1915, p. 14). No que tange o lapso de audição, podemos perceber que o termo original delimitado por Freud vem do alemão “*verhören*”, palavra formada pela junção do termo *ver* com o termo “*hören*”, o qual pode designar<sup>9</sup> tanto “audição” como “escuta” em português. Dessa forma, como consideramos que há uma diferença conceitual entre os termos “audição” e “escuta”, sendo o primeiro de caráter fisiológico e o segundo de caráter psíquico, utilizaremos a tradução do termo “*verhören*” como “lapso de escuta”, e não como “lapso de audição”, modo como é apresentado na tradução da obra de Freud.

Como agentes determinantes das parapraxias, Freud lista uma série de condições às quais as pessoas estão submetidas por decorrência das situações cotidianas, e que podem influenciar sua ordem psíquica. Dentre estes agentes, pode-se destacar a existência de uma predisposição para esquecer, dizer, escrever ou escutar uma palavra erroneamente, além da

---

<sup>9</sup> A morfologia da palavra é apresentada em Freud (1915), e a tradução do termo “*hören*” foi retirada do dicionário Michaelis.

ocorrência de um processo de supressão efetivado pouco antes da ocorrência do lapso, e também da possibilidade de se associar externamente a palavra em questão (que se originou do lapso) com um elemento previamente suprimido.

Esses fatores, para além da particularidade da audição de cada indivíduo, dizem respeito ao funcionamento psíquico do sujeito, isto é, são singulares em cada pessoa, não sendo necessariamente os mesmos para cada um. Sucintamente, podemos delimitá-los como uma inclinação para se equivocar perante certas palavras, pessoas ou coisas, inclinação esta que é motivada por alguma situação mal resolvida; na maioria dos casos há uma relação entre o objeto do lapso (palavra, pessoa ou coisa) e a situação que o motivou.

Relacionando essa particularidade dos componentes psíquicos de cada um ao entendimento que uma pessoa desenvolve a partir da exposição de um determinado tema, podemos deduzir alguns fins. A compreensão de um conteúdo que foi transmitido apenas oralmente é muito peculiar, visto que todos os fatores já citados, motivadores dos lapsos, não atuam no indivíduo somente no momento de sua ocorrência. De acordo com Freud (1915), eles influenciam os pensamentos e as ações das pessoas todo o tempo.

Dessa forma, considerando a incidência de diferenças entre o CLG e o TCLG, duas obras originadas dos cursos de Saussure, e também o fato de que ambas foram originadas de anotações que foram feitas a partir de escutas dos alunos, visamos analisar as diferenças entre **uma fonte de anotação do CLG** em comparação com **os cadernos de Emile Constantin**, a fim de promover a reflexão fundamentada pela teoria das parapraxias de Freud. Além disso, como na obra “Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana<sup>10</sup>” Freud apresenta exemplos de lapsos de fala, de escrita e de esquecimento, mas não ilustra os lapsos de escuta, utilizaremos as diferenças entre as notas dos ouvintes para tentar exemplificar a ocorrência de um possível lapso de escuta.

No entanto, é importante ressaltar que não nos cabe apontar quais foram os fatores psíquicos peculiares aos ouvintes que influenciaram na ocorrência de diferenças entre suas anotações, pois, para nós nesse momento, não há um interesse em aprofundar a reflexão buscando a causa do movimento psíquico de cada um no momento da ocorrência do lapso, como foi feito por Freud nos exemplos apresentados em SPVC.

### **3. As questões a respeito da legitimidade do CLG**

---

<sup>10</sup> Doravante SPVC.

Nossa proposta de analisar comparativamente os cadernos de dois alunos do terceiro curso de Saussure é de fundamental importância, visto que se direciona ao exame de uma controvérsia que diz respeito à própria fundação da Linguística. Portanto, antes de partirmos para a análise das diferenças em si, consideramos pertinente levantar alguns questionamentos abordados em obras de autores e estudiosos da lingüística moderna, a respeito da legitimidade do CLG às reais idéias de Saussure, a fim de justificar nossa comparação entre duas fontes de anotações referentes às teorias saussurianas expostas durante o terceiro curso do linguista.

Em seus trabalhos, Silveira (2009), Normand (2009) e Sofia (2010) analisam a edição do CLG, e exploram as controvérsias existentes entre esta obra, os manuscritos de Saussure, e também outras edições de autoria concedidas ao linguista, buscando encontrar a lógica utilizada por Bally e Sechehaye para organizar um corpus tão diverso disponível a respeito dos estudos de Saussure e, assim, estabelecer o CLG.

De acordo com Silveira (2007), “Saussure pode ser reconhecido na edição (do CLG), ou seja, a recriação não foi capaz de eliminar os ecos do mestre em seus alunos mesmo que esses se revelassem discordantes.” (pags. 23 e 24). Em contrapartida, Bouquet (1997) nega a existência real de Saussure na edição do CLG de Bally Sechehaye, pois defende a não-existência de um “autor” de um curso. Para ele, os editores “criaram” um autor para a “homogeneização discursiva do texto de 1916”, isto é, um “personagem imaginário” (pág. 14).

De fato, as notas cedidas pelos ouvintes eram referentes aos mesmos temas, os quais foram desenvolvidos e abordados pelo mestre genebrino na ocasião dos três cursos. Dessa forma, considerando as diferentes posições de Silveira (2007) e Bouquet (1997) sobre a possibilidade de o CLG ser ou não de autoria de Saussure, é possível questionar se esses questionamentos a respeito da autoria do CLG podem ter sido motivados pelo fato do livro ter sido elaborada por notas que apresentavam entendimentos discordantes a respeito dos mesmos estudos.

A reflexão de Normand (2009) apresenta um outro ponto de vista a respeito da relação do CLG com as idéias de Saussure:

(...) o que se reúne sob o título de Curso de Lingüística Geral é apenas um esboço de um curso, ou mais precisamente, de três cursos, discursos preciosamente recolhidos, anotados e transmitidos até nossos dias pelos cuidados dos discípulos e amigos de Saussure (p. 20).

Para a autora, o CLG não apresenta as teorias que Saussure expôs durante seus cursos tais quais foram elas foram expostas. Percebemos, então, que o recolhimento, a anotação e a transmissão do discurso, por serem processos particulares a cada ouvinte do curso, podem ter interferido no resultado final do CLG.

Ainda, um exemplo conveniente para se ilustrar a pluralidade de interpretações das anotações e dos discursos de Saussure é encontrado em Sofia (2009), a respeito da teoria do valor e sua relação com a significação. Segundo o autor, há discordâncias de entendimento desse preceito teórico no modo como ele é apresentado no CLG, tanto em relação ao que é encontrado nas anotações de Emile Constantin, como no entendimento estabelecido por Roy Harris, em sua interpretação a respeito do “valor linguístico”.

Sofia (2009) defende que, apesar de algumas diferenças encontradas na análise do CLG em comparação com as anotações de Constantin, à primeira vista não haveria motivos para se confundir as noções de significação e valor, pois elas são perfeitamente distintas, mesmo que a operação para o estabelecimento de tal distinção seja difícil. Contudo, de acordo com o autor, Harris interpreta que as noções de valor e significação são apenas uma: “*O significado como contraparte da imagem e o significado como contraparte dos termos coexistentes se confundem*<sup>11</sup>” (pág. 17); ou seja, para ele, diferentemente de Sofia, não há distinção entre valor e significação.

Dessa forma, Harris aponta que muitas passagens poderiam ser utilizadas para confirmar o seu ponto de vista, o que apenas enfatiza ainda mais a peculiaridade do entendimento que se pode formar a partir de discursos orais, devido a fatores particulares que motivam a compreensão de cada indivíduo. Por conseguinte, percebemos que a existência de discordâncias na edição do CLG é evidente, qualquer que seja a razão de suas origens.

Assim nos parece que essas discordâncias em relação à edição do terceiro e último curso de Ferdinand de Saussure merecem ser investigadas, e a perspectiva freudiana pode favorecer uma reflexão a esse respeito, que escape de um julgamento da edição correta ou fiel em oposição à incorreta ou infiel. Tal exame das edições e a reflexão sobre as especificidades de cada uma a partir da abordagem teórica de Freud sobre as parapraxias podem, ao nosso ver, contribuir para um melhor entendimento a respeito das características da fundação da Linguística como ciência autônoma no início do século XX.

---

<sup>11</sup> Tradução nossa para a sentença original “*The meaning as counterpart of the image and the meaning as counterpart of coexisting terms merge*” (HARRIS *apud* SOFIA, 2009, p. 17).

#### 4. Francis Joseph e Emile Constantin: duas escutas de um mesmo discurso

Para realizar a análise comparativa entre uma das fontes de elaboração do CLG e os cadernos de E. Constantin, tivemos primeiramente que delimitar qual fonte do CLG seria utilizada em nossa comparação, visto que a obra é baseada nos três cursos de Linguística Geral de Saussure, e os cadernos de Constantin referem-se apenas ao terceiro curso. Dessa forma, restou-nos optar entre as anotações de Mme. Secheyay, George Dégallier e Francis Joseph.

Decidimos, então, realizar nossa comparação utilizando as anotações de F. Joseph, pois pensamos que seja a fonte que mais se diferencie das de É. Constantin. Essa hipótese é fundamentada na declaração de Komatsu e Harris de que os cadernos de Mme. Secheyay foram utilizados como meios para encontrar as datas e os títulos das aulas em que cada teoria presente nos cadernos de Constantin foi ministrada, e também na afirmação dos editores de que Constantin conferia suas anotações com as de Dégallier após as aulas. Assim, sabendo que as anotações de Mme. Secheyay e de G. Dégallier são fontes primárias do CLG e secundárias do TCLG, consideramos que as anotações de F. Joseph podem nos proporcionar um panorama maior da incidência de diferenças no entendimento do discurso de Saussure.

É importante ressaltar que, nessa análise individual das diferenças, avaliamos apenas as características de ordem microestrutural encontradas entre as fontes, pois as anotações de Joseph não foram publicadas separadamente, apenas na edição crítica do CLG de Rudolf Engler (1968), e, portanto, não apresentam uma macroestrutura definida *a priori*.

Dessa forma, utilizamos essa edição crítica de Engler do CLG, a qual apresenta integralmente as fontes utilizadas pelos editores na elaboração da obra, para termos acesso às notas de Joseph e, conseqüentemente, realizarmos a comparação delas com os cadernos de Constantin. Assim, ao compará-las, a primeira discordância que constatamos foi o fato de que a maioria das anotações de Joseph é significativamente mais sucinta que as anotações de Constantin, o que pode ser observado nos exemplos abaixo, que consistem em segmentos de conteúdos correspondentes nos cadernos dos dois ouvintes:

**Joseph:** “A localização linguística do Império romano será ainda mais surpreendente<sup>12</sup>” (ENGLER, 1968, p. 445)

---

<sup>12</sup> “La carte linguistique de l’Empire romain serait encore plus étonnante.” (ENGLER, 1968, p. 445) (tradução nossa).



**Constantin:** “A localização linguística do Império romano, se nós a tivéssemos, nos ofereceria alguns exemplos de línguas similares coexistentes e mesmo assim nós encontraríamos coisas ainda mais surpreendentes.<sup>13</sup>” (ENGLER, 1968, p. 445)

A anotação de Joseph apresenta apenas a ideia essencial do que foi exposto, sendo elaborada com um mínimo de palavras necessárias para transmitir o conceito desejado. A sentença anotada por Constantin, por outro lado, apresenta traços de um discurso oral, além de ser formada por mais elementos descritivos e atributivos, o que evidencia uma escrita mais detalhista e prolixa.

Além disso, por decorrência dessa diferença no tamanho das anotações de cada um, notamos que a totalidade de notas provenientes de Joseph é menor do que a quantidade de cadernos pertencentes a Constantin. Esse fato pode ser comprovado a partir das informações de Gambarara (2005) de que Constantin disponibilizou 11 cadernos à BGE, os quais somam ao todo 478 páginas de anotações, enquanto que Joseph cedeu à Bally e Secheyhayé cinco cadernos incompletos, dos quais não se sabe a quantidade de páginas, e que não foram disponibilizados à BGE.

Essas características referentes à quantidade das anotações de cada ouvinte podem estar relacionadas à afirmação de Komatsu e Harris de que Constantin era um “anotador assíduo<sup>14</sup>”, e também na qualificação dada pelos editores às notas de Dégallier e de Joseph como “incompletas<sup>15</sup>” (p. XV). A grande maioria das anotações de Constantin é seguida de explicações mais detalhadas do conteúdo, enquanto que as notas de Joseph consistem majoritariamente em tópicos relacionados ao tema. Os exemplos a seguir ilustram essas características das anotações de cada ouvinte:

**Joseph:** “A língua de certos países é dupla para um outro tipo de fenômeno, isto é, para a sobreposição de uma língua literária da mesma série.<sup>16</sup>” (ENGLER, 1968, p. 446)

**Constantin:** “A língua de muitos países é dupla em um outro sentido e em virtude de um outro tipo de fenômenos. É a sobreposição de uma língua literária à língua natural de mesma origem, todas as duas convivem em relação uma com a outra.<sup>17</sup>” (ENGLER, 1968, p. 446)

---

<sup>13</sup> “*La carte linguistique de l'Empire romain, si nous l'avions, nous offrirait des exemples semblables de langues coexistantes et même nous y trouverions des choses plus étonnantes encore.*” (ENGLER, 1968, p. 445) (tradução nossa).

<sup>14</sup> Os editores utilizam o termo em inglês “assiduous note-taker” para definir Emile Constantin (p. XV).

<sup>15</sup> O termo original utilizado pelos editores para definir as anotações dos dois ouvintes é, do inglês, “sketchy”.

<sup>16</sup> “*La langue de certains pays est double par un autre genre de phénomène, c'est-à-dire par superposition d'une langue littéraire de même souche. Toutes deux vivent.*” (ENGLER, 1968, p. 446) (tradução nossa).

<sup>17</sup> “*La langue de beaucoup de pays est double dans une autre sens et en vertu d'un autre genre de phénomènes.*”

Além disso, as anotações de Constantin apresentam sentenças com maior quantidade de itens lexicais do que as de Joseph; isto é, percebemos que, a fim de topicalizar as anotações, Joseph reduziu ao máximo o número de palavras utilizadas na formulação das notas que fazia. Essa conduta do ouvinte possibilitou a ocorrência de algumas diferenças em suas anotações quando comparadas ao conteúdo registrado por Constantin, como pode ser visto nos exemplos retirados da edição crítica de Engler (1968):

**Joseph:** “A diferença das palavras entre elas ocorre em duas esferas.<sup>18</sup>” (p. 276).

**Constantin:** “A relação <e a diferença> das palavras entre elas ocorre em duas ordens, em duas esferas muito distintas;<sup>19</sup>” (p. 276).

Podemos perceber que a anotação de Constantin refere-se à “**relação e diferença das palavras entre elas**”, enquanto que a de Joseph refere-se apenas à “**diferença das palavras entre elas**”. Além disso, Constantin registrou que elas (a relação e a diferença) se estabelecem em duas ordens, em duas esferas muito distintas, enquanto que a nota de Joseph traz apenas que a diferença se estabelece em duas esferas.

Também, percebemos que as anotações de Constantin apresentam maior quantidade de sinônimos e adjetivos, o que pode ser notado nesse mesmo trecho transcrito acima. Para explicitar o conteúdo de forma mais detalhada, Constantin utilizou a palavra “ordem” como sinônimo de “esfera”, a fim de, nos parece, delimitar melhor o sentido da palavra naquele contexto. Além disso, o ouvinte utilizou a expressão adjetiva “muito distintas” para enfatizar que as duas esferas não apresentam semelhanças entre si. Observamos, então, que o emprego de adjetivos, assim como o de sinônimos e de outros itens lexicais, é mais presente nos cadernos de Constantin, fator que também motiva que as anotações do ouvinte sejam mais detalhadas e prolixas quando comparadas às de F. Joseph.

Ainda referente a esse fragmento, é importante perceber que, na anotação de Constantin, a palavra “diferença” é colocada entre o sinal “< >”, o que, segundo os editores, designa que o termo foi adicionado na margem ou nas entrelinhas dos cadernos. Tal fato pode significar tanto que Constantin acrescentou tal termo após conferir suas anotações com as de

---

*C'est la superposition d'une langue littéraire à la langue naturelle de même source, toutes deux vivant l'une vis-à-vis de l'autre.*” (ENGLER, 1968, p. 446) (tradução nossa).

<sup>18</sup> “*La différence des mots entre eux se déroule suivant deux sphères.*” (ENGLER, 1968, p. 276). (tradução nossa).

<sup>19</sup> “*Le rapport <et la différence> des mots entre eux se déroule suivant deux ordres, dans deux sphères tout à fait distinctes;*” (ENGLER, 1968, p. 276). (tradução nossa).

Dégallier, como também pode representar a ocorrência de um lapso de escrita ou da compreensão do que foi escutado naquele momento, e que foi preenchido logo em seguida. Dos dois modos, percebemos que houve ou o **esquecimento** da palavra “diferença” no momento exato da anotação, ou que ela não foi **escutada** de modo significativo enquanto Constantin realizava suas anotações, sendo inserida em um momento posterior.

Em contrapartida, percebemos que Joseph não **formulou** e nem **reformulou** suas notas utilizando a palavra “relação”. É provável que se o ouvinte houvesse se esquecido de registrar a palavra durante o ato da anotação, após finalizá-la perceberia que esquecerá um elemento no início de sentença e, assim como Constantin fez com a palavra “diferença”, acrescentaria a palavra ausente às anotações. Ao nosso ver, a falta da palavra “relação” nas anotações de Joseph pode ser entendida apenas como um **lapso de escuta**, e não também como um lapso de escrita, visto que o ouvinte não acrescentou posteriormente a palavra às suas anotações.

Entretanto, vale ressaltar que, apesar da anotação de Joseph ser uma fonte utilizada na elaboração do CLG, a parte da obra que equivale a esse fragmento é formulada utilizando ambas as palavras “relação” e “diferença”: “As **relações** e as **diferenças** entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas, cada uma das quais é geradora de uma certa ordem de valores”. (SAUSSURE, 1916, p. 142)

Creemos que a ocorrência desses dois termos no conteúdo do CLG pode advir do fato de que os cadernos provenientes dos outros dois ouvintes do terceiro curso também apresentam as duas palavras registradas em suas anotações, como podemos observar nos segmentos retirados da edição crítica de Engler (1968):

**Mme. Secheyay:** “(...) a relação e a diferença das palavras entre elas ocorre de acordo com duas ordens, em duas esferas distintas.<sup>20</sup>” (p. 276)

**Dégallier:** “Portanto, a partir daqui, pode-se constatar que a relação e a diferença de palavras entre elas ocorre de acordo com duas esferas muito distintas.<sup>21</sup>” (p. 276)

Assim, sabendo que três, dentre quatro ouvintes do mesmo curso, redigiram suas anotações utilizando como sujeito da frase as palavras “relação” e “diferença”, é possível refletir que o fato de Joseph ter elaborado suas anotações apenas com uma das palavras tenha sido motivado pela ocorrência de um lapso de escuta. Nesse caso, no entanto, percebemos

---

<sup>20</sup> “(...)le rapport et la différence dès mots entre eux se déroule selon deux ordres, en deux sphères distinctes.” (ENGLER, 1968, p. 276) (tradução nossa).

<sup>21</sup> “*Toutefois, dès ici, Il faut constater que le rapport et la différence des mots entre eux se déroule selon deux sphères tout à fait distinctes.*” (ENGLER, 1968, p. 276) (tradução nossa)

também a possibilidade de esquecimento da palavra, pois apesar de as anotações terem sido feitas durante as aulas, não sabemos qual o espaço de tempo necessário para que o ouvinte pudesse esquecer algum termo que ouvira. Contudo, como Freud não menciona os lapsos de escuta na obra SPVC, e apenas os cita na Obra “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” de 1915, pensamos que talvez o autor relacione o esquecimento de algo que foi ouvido com os lapsos originados da não efetivação da escuta, englobando-os no mesmo patamar, como parapraxias equivalentes.

Assim, considerando tanto a inserção da palavra “diferença” nas anotações de Constantin, como também a ausência da palavra “relação” nas anotações de Joseph, podemos refletir a possibilidade de ambas as situações serem consideradas como **lapsos** que ocorreram durante as anotações.

Freud exemplifica a ocorrência de um lapso de escrita na obra SPVC, citando um relato de Dattner (1911 *apud* FREUD 1901) a respeito da omissão da palavra “efetivo” na tradução húngara do acordo financeiro firmado entre a Áustria e a Hungria em 1867. Para o autor, a “tendência inconsciente” dos tradutores húngaros a darem a menor quantidade de benefícios possível para a Áustria foi o motivador da omissão (p. 86).

Nesse caso, podemos perceber a existência de uma predisposição ao esquecimento da palavra “efetivo”, possivelmente causada, segundo Freud, pela pretensão dos tradutores húngaros de cederem o mínimo de benefícios possível à nação austríaca. Do mesmo modo que na escrita, como é o caso desse exemplo, os lapsos da escuta também podem ser originados de uma ação tendenciosa, a qual pode levar o indivíduo a escutar ou deixar de entender palavras que lhes sejam de interesse. Contudo, não faz parte dos nossos objetivos, nesse artigo, definir quais foram os fatores psíquicos que ocasionaram os lapsos de Constantin e Joseph, como foi feito por Freud (1901) no exemplo acima.

Dessa forma, seja por um lapso da escuta ou da escrita, ou mesmo um esquecimento, tendo Constantin desconsiderado momentaneamente a existência da palavra “diferença” no discurso de Saussure, e tendo Joseph nem sequer anotado a palavra “relação”, percebemos que a teoria de Freud (1901) a respeito das parapraxias nos possibilita a reflexão de que as diferenças entre as notas dos ouvintes possam ter sido causadas pela interferência psíquica, peculiar a cada sujeito. Os fragmentos retirados das anotações de Joseph e de Constantin, bem como a análise das partes equivalentes a esses fragmentos no CLG e nas anotações dos outros ouvintes, ao nosso ver, são exemplos consistentes que nos permitem entender que ambas as palavras “diferença” e “relação” certamente fizeram parte do discurso de Saussure durante seu terceiro curso, embora, por fatores relativos à singularidade de cada escuta, tenham sido

retiradas das anotações dos ouvintes no exato momento em que as escreviam.

## **5. Considerações finais**

A análise dessas diferenças nos mostrou que as anotações de Joseph apresentam discordâncias não só em relação às de Constantin, mas também em relação aos cadernos de Dégallier e Mme. Secheyay, e também em relação ao próprio texto do CLG. Esse fato de que, dentre as quatro fontes referentes ao terceiro curso, a anotação de Joseph consiste na única que não apresenta a palavra “relação” como componente da sentença que utilizamos como exemplo nos possibilita confirmar a nossa hipótese de que as anotações do ouvinte são as que apresentam um panorama maior de diferenças quando comparadas aos cadernos de Constantin.

Ainda, notamos que essa existência de discordâncias entre as próprias fontes utilizadas na elaboração do CLG não comprometeu o conteúdo da obra, no que tange o fragmento analisado. A anotação de Joseph, que pode ser considerada como incompleta por não apresentar todos os sujeitos da sentença referente à teoria exposta no terceiro curso, parece não ter sido utilizada como referência por Bally e Secheyay na composição do CLG. Os editores utilizaram ambas as palavras “relação” e “diferença” como sujeito da sentença, como pôde ser visto na sentença retirada da obra.

Essa reflexão que propomos, contudo, não pretende direcionar uma discussão a respeito da existência de uma escuta correta ou fiel em oposição à escuta incorreta ou infiel dentre as anotações dos ouvintes, e sim abordar a incidência de diferenças entre elas por um viés que permita mostrar que, embora todos os indivíduos ouçam o mesmo discurso, a escuta que cada um faz do que foi ouvido é passível de interferências psíquicas.

A contribuição de nossa análise se estende também ao ramo da psicanálise visto que, como Freud não apresenta em sua obra SPVC nenhum exemplo de parapraxia relacionado à escuta, esperamos que os exemplos retirados das anotações tomadas de um mesmo discurso, mas que apresentam diferenças quando comparadas entre si, possam ilustrar a ocorrência dos lapsos relacionados também ao que é escutado pelos indivíduos, além daqueles exemplificados por Freud na obra SPVC.

## **6. Referências Bibliográficas**

COELHO, M. P. O último curso de Ferdinand de Saussure e sua presença no "Curso de Linguística Geral". *Revista Entrepalavras*. Volume1, p. 59-69. Fortaleza, 2011. Disponível em: [http://www.entrepalavras.ufc.br/images/1EDICAO/PDF/201105Micaela\\_COELHO.pdf](http://www.entrepalavras.ufc.br/images/1EDICAO/PDF/201105Micaela_COELHO.pdf). Acesso em 27/10/2011.

FREUD, S. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana - Obras completas*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1972 [1901].

FREUD, S. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (Partes I e II) - Obras completas*, vol. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1915.

GAMBARARA, D. Un texte original Présentation des textes de F. de Saussure. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, vol.58, n. 58, p. 29-42. Genève: Droz, 2005a [2006].

GUYTON, A. C. *Tratado de fisiologia médica*. Trad. de J. P. de Campos; L. F. Macedo; R. D. Leibinger; T. P. Lacerda e W. Savino. 5<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Interamericana. *Textbook of medical physiology*, 1976.

HARRIS, R. *Saussure and his interpreters*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltda, 2001.

NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SAUSSURE, F. (BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf. (org)). *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale - Édition critique préparé par Tulio de Mauro*. Paris: Payot, 1967.

\_\_\_\_\_ *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.

\_\_\_\_\_ *Curso de linguística geral*. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27<sup>a</sup>

Ed. São Paulo: Cultrix, 2006. *Cours de linguistique general*. Charles Bally e Albert Sechehaye (orgs.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].

\_\_\_\_\_ *Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin*. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.

SILVEIRA, E. M. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. *Revista Letras & Letras*, Volume 25, n. 1, p. 39-54. Uberlândia: EDUFU, 2009.

\_\_\_\_\_ *As marcas do movimento se Saussure na fundação da Lingüística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

SOFIA, E. Quelques problèmes philologiques posés par l'oeuvre de Ferdinand de Saussure, 2010. INÉDITO.